



## Ciências da religião e teologia: evolução de uma relação

Religion studies and theology: evolution of a relationship

Paulo Antônio Couto Faria\*

### Resumo

Historicamente, as ciências da religião e a teologia construíram itinerários próprios, mas não indiferentes entre si. Ainda que a configuração das ciências da religião na Europa e na América do Norte acentue a sua autonomia, é notório, nos seus primeiros passos, o inevitável encontro com a teologia. No Brasil este encontro estendeu-se em quantidade e qualidade, motivado pela natural proximidade de questões, pelo contexto socioeclesial e, mais recentemente, por razões de ordem epistemológicas, oportunizando o reconhecimento civil público das duas ciências pelos órgãos competentes de governo. Isto significa que a teologia e as ciências da religião estão sob os mesmos deveres e direitos de qualquer outra área de conhecimento. A conquista dessa condição foi marcada por conflitos internos e externos, que foram pouco a pouco dissolvidos por debates carregados de tensão e maturidade, conduzidos com maestria pela vocação interdisciplinar característica das partes. Este artigo aponta momentos importantes da edificação da relação entre as ciências da religião e a teologia; os conflitos, resolvidos, e os que ainda permanecem; alguns desafios e tarefas comuns que visam aprofundar e tornar mais fecunda a relação construída.

**Palavras-chave:** teologia; ciências da religião; interdisciplinaridade; epistemologia; Capes.

### Abstract

Historically, the sciences of religion and theology have constructed itineraries of their own, but not indifferent to each other. Although the configuration of the sciences of religion in Europe and North America accentuates its autonomy, it is notorious, in its first steps, the inevitable encounter with theology. In Brazil this meeting was extended in quantity and quality, motivated by the natural proximity of issues, by the socio-ecclesial context and, more recently, by epistemological reasons, giving public recognition of the two sciences by the competent government bodies. This means that theology and the sciences of religion are under the same duties and rights as any other area of knowledge. The conquest of this condition was marked by internal and external conflicts, which were gradually dissolved by debates loaded with tension and maturity, conducted with mastery by the characteristic interdisciplinary vocation of the parties. This article points out important moments in the construction of the relationship between the sciences of religion and theology; the conflicts, solved and those that still remain; some common challenges and tasks that seek to deepen and make the relationship built more fruitful.

**Keywords:** theology; sciences of religion; interdisciplinarity; epistemology; Capes.

---

Artigo recebido em 01 de abril de 2018 e aprovado em 19 de setembro de 2018.

Enquanto fruto da pesquisa de doutorado, este texto recebeu apoio da Capes.

\* Doutor em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. País de origem: Brasil. E-mail: pauloantoniocoutofaria@yahoo.com.br

## Introdução

A teologia<sup>1</sup> é reconhecida na sua tradição como inteligência da fé, mas é como “ciência da fé” que ela se encontrou com as ciências na modernidade e, por extensão, com as ciências da religião. Desde então, o debate entre elas tem se intensificado gradativamente, na intenção de determinar a proximidade e distância entre as duas. O itinerário de busca de uma justa relação é longo. A amostra aqui apresentada pretende ser suficiente para compreender o significado da mais recente conquista das duas áreas de conhecimento: a criação de uma área autônoma dentro da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) denominada “Ciências da religião e teologia”, coroando uma história que se deu de forma única no Brasil. Muitos capítulos dessa história já foram escritos <sup>2</sup>. Não se pretende apresentar nenhum tipo de inventário histórico, tampouco uma cronologia dos eventos dessa epopeia, mas colocar em evidência os laços epistemológicos que levaram a essa associação exitosa. Três pontos devem ser observados neste sobrevoo tocando os estudos de religião: tal como a teologia, o conceito de religião é filho da civilização ocidental, portanto é com certo cuidado que devemos categorizar como religião as experiências do sagrado distantes de tal civilização. O segundo ponto dá continuidade ao primeiro. Trata-se da presença da teologia, que, mesmo não sendo uma ciência da religião propriamente, esteve muito próxima dos estudos de religião e traz uma secular experiência nesse campo de pesquisa. As implicações desses dois primeiros pontos transparecerão nas primeiras pesquisas de história da religião com suas respectivas divisões internas. O terceiro ponto refere-se ao fato de que, desde muito cedo, os estudos de religião exigiram uma abordagem multidisciplinar. Fato este que será a marca característica, mas não exclusiva, das ciências da religião.

---

<sup>1</sup> É relevante dizer que esta pesquisa tem como norte a teologia cristã. Será discutida a questão das teologias, mas apenas como problematização.

<sup>2</sup>A todo o momento se publica-se um artigo sobre o assunto. A obra recente de maior peso foi organizada por João Décio Passos e Frank Usarski (2013). Esta apresenta, com boa amplitude, o leque de ciências que se dedicam ao fenômeno religioso.

## 1 Os estudos de religião

De posse das precauções aludidas na introdução, pode-se dizer que todo estudo sobre a religião esbarra obrigatoriamente com o problema de Deus, ou do sagrado, ou do Absoluto, ou ainda do sentido radical. Temas típicos da filosofia e, especificamente, da filosofia da religião. É forçoso reconhecer que a filosofia nasce como filosofia da religião. Esta pode ser dita como a primeira entre as ciências da religião, uma vez que submeteu a abordagem mítica à *razão demonstrativa*. Esta foi a direção tomada por Sócrates, Platão, Aristóteles, e até mesmo Santo Agostinho. O discurso filosófico sobre Deus foi, frequentemente, classificado como uma “teologia filosófica”, na direção da ciência do ser enquanto ser, ou de fornecer um escopo racional à fé cristã. O que distingue a teologia filosófica da teologia é que a primeira investiga a pertinência do discurso sobre Deus, e a segunda a pertinência de um discurso nascido de Deus e endereçado ao próprio Deus; não é um falar sobre Deus, mas um falar com Deus. A filosofia da religião pretende falar de Deus a partir de sua essência, afirmando-a ou negando-a, sem pressupor a sua existência. Isto leva a reflexão para fora do terreno predominantemente teológico ou religioso, mas não os exclui como fonte de questões a serem elaboradas filosoficamente (SCHAEFFLER, 1983, p. 64).

A religião sempre ocupou mentes e corações, mas atribui-se à carismática figura do filólogo Max Müller (1823-1900) como iniciador das ciências da religião (GRESCHAT, 2006, p. 50). Seu empenho por encontrar a língua originante o levou ao sânscrito; daí foi lançado às religiões indo-europeias. Nesse movimento convenceu-se de que o destino do estudo das línguas entrelaçava-se ao estudo das religiões. Já habituado à comparação linguística, lançou-se à história comparada das religiões, cujo esforço foi traduzido na obra *Introduction to the Science of Religion*, de 1873 (FILORAMO; PRANDI, 2003, p. 229). Destas páginas emergem o paralelo entre a cientificidade da ciência da linguagem e a ciência da religião; defender a primeira significa defender a segunda em ato contínuo (MÜLLER, 1882, p. 4). Apesar do número de religiões ser menor do que o número de linguagens, a pesquisa comparativa em ciência da religião esteve em desvantagem, em razão de

não dispor dos mesmos recursos da pesquisa filológica (gramáticas de dicionários) (MÜLLER, 1882, p. 2).

No bojo da aproximação entre ciência linguística e ciência da religião encontram-se referências à teologia. Não se pode precisar qual a concepção de teologia e a natureza de sua relação com a ciência da religião, mas é importante salientar que ela despontou.

Eu não tenho feito segredo de minha convicção de que um estudo de teologia comparada produzirá com relação à teologia teórica a mesma revolução que o estudo de filologia comparada tem produzido na comumente chamada filosofia da linguagem (MÜLLER, 1882, p. 146, tradução nossa).<sup>3</sup>

Nas pegadas de Müller seguiram Émile Benveniste (1902-1976) e Georges Dumézil (1898-1986) e, junto com eles, outras ciências se agregaram à pesquisa filológica do tema religião: a sociologia, a antropologia, a etnologia e também a teologia. Esta última, aparece relacionada aos estudos de mitologia: fala sobre os atributos dos deuses e de sua hierarquia, bem como da correspondência entre os deuses de distintas religiões (FILORAMO; PRANDI, 2003, p. 237; QUINTELA, 1999, p. 66).

A crítica textual foi potencializada com a entrada definitiva dos estudos de história da religião na pesquisa sobre o fenômeno religioso (DIEZ DE VELASCO, 2002, p. 18). O primeiro nome a se destacar é o Pe. Wilhelm Schmidt (1862-1954), sacerdote da Ordem Verbita, professor de etnologia, línguas e história das religiões em Modling e Freiburg, cofundador e primeiro diretor do Museu Etnológico Missionário do Vaticano (1925), (MUSÉE ETHNOLOGIQUE DU VATICAN, 2018). A sua obra maior, *A origem da ideia de Deus*, publicada em 12 volumes, entre 1912 e 1955, defende a tese de um “monoteísmo de base” presente nas religiões. Trabalha a partir da história comparada das religiões, sob a influência direta dos métodos usados na fenomenologia da religião. Desta forma, ele deu maior rigor e sofisticação ao método comparativo, através de um estudo individualizado e sério

---

<sup>3</sup> “I have made no secret of my own conviction that a study of Comparative Theology will produce with regard to Theoretic Theology the same revolution which a study of Comparative Philology has produced in what used to be called the Philosophy of language.”

das religiões, nos sentidos diacrônico e sincrônico. Ao estabelecer tipologias e classificações, pretendia verificar a forma dinâmica do *nexo causal* entre elas. Toma distância das classificações estáticas vindas da psicologia e da sociologia da religião de sua época (FILORAMO; PRANDI, 2003, p. 65).

Com a agregação da etnologia, o trabalho de Schmidt deu origem à Revista *Anthropos*, em 1906, abrangendo os campos da linguística e da antropologia (ARAÚJO, 2013, p. 43). O periódico, além de estabelecer discussões de nível acadêmico, pretendia ser um canal de reflexão junto aos missionários que atuavam nas zonas de fronteira, com povos afastados do modelo de civilização ocidental, urbana e europeia (ARAÚJO, 2013, p. 31). O resultado foi um incremento do diálogo intercultural, sob o pressuposto básico de que o cristianismo não era a única nem a mais elevada experiência religiosa. A crítica via aí uma tentativa de emoldurar as religiões dentro do quadro judaico-cristão, sobretudo tendo em vista a tese do monoteísmo de base. A ideia de Schmidt estava sustentada por um modelo teológico, mas, como não poderia deixar de ser, sua defesa foi edificada através da história das religiões, arregimentada pelo método comparativo, cujo rigor respeitava os métodos científicos e empíricos, valorizando os elementos das culturas autóctones. Toda essa mobilização do Pe. Schmidt deu origem à Escola Cultural de Viena, cujos herdeiros concentraram os debates no papel da fenomenologia como força mediadora entre a história, a teologia, a etnologia e a antropologia.

Os opositores do Pe. Schmidt e de sua escola foram capitaneados por Raffaele Pettazzoni (1883-1959), líder da Escola Italiana de História das Religiões (1923). Esta escola considerava a história como a ciência da religião por excelência e a dividia em duas correntes: a primeira era formada pela História das religiões, que cuidava dos eventos de cada religião em particular. A segunda era formada pela história da religião em geral, que recolhia os aspectos comuns das histórias particulares. Esta divisão é resultante do acréscimo ao método fenomenológico, de noções do historicismo dialético, a saber, do progresso histórico das religiões em interação com a cultura na qual está inserida. E é nesse acréscimo que se apresenta

a incompatibilidade com Schmidt e a Escola de Viena (GUIMARÃES, 2000, p. 75). Para escola italiana nos conceitos de cultura e religião estão inseridos sentidos variados, mediações, empréstimos, cruzamentos, difusões, hibridações e mestiçagens (SILVA, 2011, p. 226) que evoluem segundo uma oposição dialética e não sob a regência de uma linha transversal do “monoteísmo de base”.

No Brasil, a história das religiões desempenhou papel de relevo através de duas associações: a Comissão para o estudo da história da Igreja na América Latina (CEHILA) e a Associação Brasileira de História da Religião (ABHR), oferecendo inestimáveis contribuições no que se refere ao resgate da identidade cultural e religiosa. Seria interessante um estudo do “se” e de “como” essas e outras tendências no estudo das religiões se fazem presentes nas atividades da ABHR.

Dentro da história das religiões a fenomenologia foi tema de controvérsia, quanto ao seu papel de sustentação do método comparativo. Mas a fenomenologia da religião, propriamente dita, deu seus primeiros sinais na obra de Chantepie de La Saussaye (1848-1920) em seu *Manual de história das religiões*, de 1878 (FILORAMO; PRANDI, 2003, p. 44), consolidando-se com o trabalho do historiador Gerardus Van der Leeuw (1890-1950), talhado para a pesquisa fenomenológica em religião por sua vasta erudição. Foi um exímio observador das criações humanas ligadas à cultura, entre elas a religião e seu poder único de conferir o *poder* de dar sentido ao encontro do ser humano com o “incompreensível” e misterioso. Nesse ponto, segundo o fenomenólogo, reside o núcleo comum de toda experiência religiosa, constitutiva do ser humano (BELLO, 1988, p. 114). S. Martelli acrescenta outro ingrediente importante da fenomenologia de Van der Leeuw: a teologia (MARTELLI, 2006, p. 6), distinta da fenomenologia segundo uma diferença entre *Sagrado e Religião*. O sagrado estaria no nível do *poder* (o hilético) configurado de formas distintas nas diversas tradições religiosas (noético) (BELLO, 1988, p. 127).

A relação entre *sagrado* e *poder* inspira Rudolf Otto (1869-1937)<sup>4</sup>. *O Sagrado* é título de sua principal obra, na qual a fenomenologia é mediadora entre a história das religiões e a teologia das religiões. Otto pôs em evidência os aspectos irracionais da experiência do sagrado, condensados na categoria de *numinoso*, elemento comum a todas as religiões (TERRIN, 2003, p. 43).

Rudolf Otto está convencido de que “a religião não consiste nas suas expressões racionais”, e sim na experiência do sagrado. Para Otto, a essência de qualquer religião é a experiência de uma realidade “outra”, que se manifesta na consciência do crente, antes mesmo (tanto em sentido ontológico como filogenético) de ser incorporada nos ritos e nos mitos, e preservada por um grupo de especialistas. (MARTELLI, 2006, p. 2).

O caminho fenomenológico para a circunscrição do *eidos* (da forma) da religião vai do *numinoso* à categoria de *Sagrado*, passando por conceitos contrastantes e quase inesgotáveis: o *sentimento de criação*; expressão da nulidade de si, do pressentimento de algo oculto ou não evidente, não apreendido, não entendido, não cotidiano nem familiar, enfim, o *totalmente outro*, que por isso é *mysterium fascinans e tremendum*. Isto que é, ao mesmo tempo, desconcertante, cativante, arrebatador, encantador, muitas vezes levando ao delírio e ao inebriamento – o elemento dionisíaco entre os efeitos do *numen*; também provoca temor frente à sua possível ira e assombro e à sua inimaginável extensão. Para Otto a intuição do sagrado não é acessível para quem está fora da experiência religiosa.<sup>5</sup>

Mircea Eliade (1907-1986) faz crescer à lista de fenomenólogos da religião vindos do campo da história das religiões. Com suas análises comparativas das hierofanias aquáticas, celestes, uranianas, biológicas, do tempo e do espaço sagrado apresenta uma “morfologia do sagrado” e põe a descoberto a lógica e a autonomia do simbolismo religioso (MENDONÇA, 2012, p. 100). Tanto as hierofanias quanto o simbolismo religioso contêm formas comuns que remetem a uma realidade sagrada, segundo a dialética sagrado-profano, capaz de dar acesso ao *lebenswelt*

<sup>4</sup> Existe discordância quanto a considerar R. Otto um fenomenólogo, tendo em vista sua matriz teológica. Por outro lado, é relevante este encontro entre fenomenologia e teologia no âmbito da relação entre ciências da religião e teologia.

<sup>5</sup> No capítulo 3 de sua obra *O Sagrado* existe uma advertência: “Convidamos o leitor a evocar um momento de forte excitação religiosa, caracterizado o menos possível por elementos não religiosos”. Solicita-se a quem não possa fazê-lo ou não experimente tais sentimentos, não continue lendo. Pois, “[...] com tal pessoa é difícil fazer ciência da religião”. (OTTO, 2007, p. 29). A obra foi originalmente publicada em 1917.

(Mundo da vida) religioso. Esta é uma compreensão acessível a qualquer pesquisador (a), desde que assuma com honestidade a *epoché* (suspensão de juízo), atitude necessária ao exercício de uma comparação entre elementos de sentido interno e não apenas de formas exteriores.

Nesses breves acenos sobre os estudos de religião, incrementa-se a convicção de que “as distinções de trabalho entre história das religiões, sociologia da religião, etnologia da religião se tornaram sempre parciais e, portanto, insuficientes para abranger a totalidade do fenômeno” (HOCK, 2010, p. 48).

Sendo cada vez mais imprecisas as fronteiras que separam a história das religiões da fenomenologia da religião, particularmente quando a primeira se elabora com um método marcadamente fenomenológico e a segunda se estabelece em estreita comunicação com os dados históricos, muitos estudos de história das religiões constituem em realidade um aporte imediato à fenomenologia. Assim sucede, por exemplo, com algumas obras de Raffaele Pettazzoni, Adolphe E. Jensen, Maurice Leenhardt, Ugo Bianchi, e, sobretudo, com o célebre *Tratado de história das religiões* de Mircea Eliade. (MARTIN DE VELASCO, 2006, p. 49, tradução nossa).<sup>6</sup>

A teologia não passou despercebida nesses primeiros passos das ciências da religião: o primeiro estudioso da religião, Max Müller, fez referência à fecundidade de uma “teologia comparada”; as discussões internas à história e a fenomenologia da religião esbarraram na concepção etno-teológica da escola de Viena; R. Otto não fez segredo do entrelaçamento entre fenomenologia e teologia na sua obra; Van der Leeuw alocou a teologia em lugar central de sua obra (MARTELLI, 2006, p. 6). As ciências da religião já mostravam sua independência da teologia, mostrando também, que não podiam ignorar as questões que dela advinham.

O mesmo fenômeno capaz de revelar as dimensões mais sublimes do ser humano também pode pôr à mostra suas alienações. Esta realidade não passou despercebida dos “mestres da suspeita”, expressão cunhada por Paul Ricoeur referindo-se a Marx, Nietzsche e Freud. A crítica desses pensadores, normalmente,

---

<sup>6</sup> Siendo cada vez más imprecisas las fronteras que separan la historia de las religiones de la fenomenología de la religión, particularmente cuando la primera se elabora con “un método marcadamente fenomenológico y la segunda se establece en estrecha comunicación con los datos históricos, muchos estudios de historia de las religiones constituyen en realidad una aportación inmediata a la fenomenología. Así sucede, por ejemplo, con algunas obras de Raffaele Pettazzoni, Adolphe E. Jensen, Maurice Leenhardt, Ugo Bianchi, y, sobretudo, con el célebre *Tratado de historia de las religiones* de Mircea Eliade.



estava associada à desconfiança sobre algum aspecto da consciência e por extensão da consciência religiosa. É amplamente conhecido o lugar no qual Marx (1818–1883) situa a religião, como “ópio do povo”; da mesma forma Nietzsche (1844–1900), que declara a “morte de Deus” numa crítica à civilização ocidental, e Freud, que concebe a religião como “ilusão neurótica” vinda do inconsciente. As repercussões das páginas desses autores tornaram-nas leitura obrigatória nas ciências da religião, além de se tornarem portas privilegiadas para penetrar no horizonte do pensamento desses clássicos. A teologia, depois de conquistada a serenidade e a lucidez diante dessas abordagens demolidoras, pode ver nelas instrumentos poderosos de autocrítica e de correção de imagens deturpadas de Deus que desvinculam fé e realidade.

Outros estudiosos, também críticos, pensaram o lugar da religião dentro do quadro de interação com a sociedade. Assim é a obra de Émile Durckheim (1858–1917) na qual a religião é compreendida como um “fato social”, nem verdadeiro nem falso, nos moldes de um fato científico investigado pelas ciências da natureza, uma vez que é um fenômeno observável empiricamente. Um fenômeno criado pela(s) sociedade(s) e a ela(s) servindo (MARTELLI, 2006, p. 10).

De especial importância desponta um gigante da sociologia, Max Weber (1864–1920). É dele a conhecida expressão “desencantamento do mundo”, pela qual se observa uma “virada antropocêntrica” na concepção do sagrado, particularmente dentro do protestantismo calvinista. Segundo Weber, o sagrado não está mais no mundo, mas nas na relação pessoal que o fiel estabelece com Deus, e ninguém, além do próprio Deus, teria ciência dos “escolhidos”. Estes por sua vez, escolhidos ou não, tinham a obrigação de trabalhar para a Glória de Deus. O indicativo mais provável da escolha divina se encontrava no trabalho e no sucesso financeiro. O lucro era bem-vindo, mas não poderia ser gozado nesse mundo, restava apenas o acúmulo, a poupança e o incentivo para trabalhar ainda mais. Nesses tópicos o sociólogo enxerga a perfeita coerência com a mentalidade capitalista (DARON, 2008, p. 792). Um dos pontos notáveis da sensibilidade weberiana foi à disposição para pensar a religião fora dos parâmetros da

racionalidade instrumental. Para tanto, precisou articular a lógica da crença religiosa, da teologia das razões econômicas e a das relações éticas.

No Brasil, o pioneiro na pesquisa do fenômeno religioso é Roger Bastide (1898-1974). Formado na França, veio para o Brasil ocupar na Universidade São Paulo (USP) o lugar do eminente antropólogo Levi-Straus. Por 20 anos trabalhou como professor de sociologia naquela universidade, alavancando e projetando a faculdade de ciências sociais. Bastide destacou-se por suas pesquisas das religiões africanas no Brasil<sup>7</sup>, numa leitura a partir da sociologia, da antropologia social e da psicologia social, estendendo-se à psicanálise, à psiquiatria, à filosofia e à moral (QUEIRÓZ, 1994, p. 215). Antônio Gouvêa Mendonça, professor-fundador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP, dá um testemunho pressuroso sobre uma das obras de Bastide.

O “sagrado selvagem” se erige como uma teoria antropológica e sociológica extremamente útil para a compreensão e explicação de toda dinâmica social da religião ao nos mostrar o mecanismo que faz desse extraordinário fenômeno humano a fonte principal emergente e subjacente da maior parte das coisas que acontecem na história. (MENDONÇA, 2007, p. 22).

Bastide recorre aos métodos empíricos à sua disposição, aprimorados por sua grande sensibilidade de escuta, pela valorização dos mais diversos tipos de conhecimentos, com destaque para aqueles que são patrimônio da sabedoria popular, com uma “maneira fina e saborosa” de ver as coisas a partir dos olhos do outro. Observou assim Pierre Verger (1902-1996), o segundo nome dos estudos de religião no Brasil. Verger era amigo de fé e companheiro de viagens de Bastide<sup>8</sup> (QUEIRÓZ, 1994, p. 219), era fotógrafo e etnólogo autodidata. Registrou através de sua lente, palestras e textos, o seu encantamento com o candomblé. Andou por vários continentes e no Brasil sediou-se em Salvador – BA –, onde recebeu prêmios e títulos internacionais por seu trabalho.

<sup>7</sup> Bastide também se dedicou a estudos da Igreja no Brasil, mesmo não sendo esse o campo para o qual dirigiu maior investimento intelectual. Ver Bastide (1951).

<sup>8</sup> Interessante é saber que Bastide e Verger aceitaram ser iniciados no candomblé. Esta adesão subjetiva jamais foi interpretada como um arrefecimento na sua objetividade científica.

As ciências da religião vieram ganhar corpo na estrutura acadêmica brasileira a partir da criação do departamento de ciência da religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 1969<sup>9</sup> e da fundação da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), em 1985. Outras instituições, como a ABHR em 1999 e a Associação Nacional e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE) em 2007, bem como a Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR) em 2009, vieram se juntar dando diversidade à pesquisa. Hoje, a Pós-graduação em Ciências da religião está espalhada pelo território brasileiro, confirmando a posição basilar da religião para a compreensão do ser humano.

A teologia, sempre marcando presença, compôs grande parte do corpo intelectual dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião, na SOTER e ANPTECRE. Dentro do âmbito da SOTER, a aproximação se deu de forma quase espontânea. Havia uma série de tarefas comuns entre teólogos(as) e cientistas sociais, ligadas ao processo de redemocratização e mesmo de renovação eclesial cujo epicentro era a teologia da libertação. Assim, os congressos da SOTER foram sendo atraídos por temáticas não religiosas, ao mesmo tempo em que atraía religiosos de diversas confissões. Mas, a espontaneidade e cordialidade da aproximação primeira mostrou seus pontos de atrito quando a relação avançou para o âmbito acadêmico-epistemológico. Os estranhamentos partiam de ambas as partes.<sup>10</sup>

De um lado, há o ponto de vista religioso dos teólogos, que podem estar interessados nas interpretações religiosas regidas pelo dogma ou em análises para propósitos missionários. De outro, há uma forte inclinação de cientistas sociais para prover explicações funcionalistas e mesmo fazer do “reducionismo” uma virtude. (PYE, 2001, p. 16).

A teologia era questionada, da parte das ciências da religião, quanto ao seu estatuto científico e às ciências da religião, do lado da teologia, apareciam como uma ameaça ao status quo teológico. Assim, no princípio, a consolidação das ciências da religião passou por uma diferenciação da teologia, cuja expressão, em certos momentos, beirou a oposição. Hoje, ainda, muitos Programas de Ciências da

---

<sup>9</sup> Apesar do curso de graduação em Ciência da Religião na UFJF ter se consolidado mais tarde, ou seja, em 1991.

<sup>10</sup> Ver a tese doutoral de Freire (2014).

Religião definem-se, numa espécie de tautologia, como não confessionais. Ora, toda ciência é não confessional, a princípio. Num segundo momento, à medida em que as ciências da religião foram assumindo sua tarefa interdisciplinar, propondo-se a aglutinar, sem se confundir, com as ciências particulares que investigavam o fenômeno religioso, a teologia também entra nesse movimento de acolhida interdisciplinar. Hoje, há a consciência de que a complexidade do objeto religião toca diferentemente às ciências humanas em geral e à teologia. Com relação às primeiras identifica-se uma nítida transversalidade do objeto de pesquisa; com relação à segunda, o objeto é tocado apenas tangencialmente. Esta diferença põe em curso um amplo debate epistemológico, tanto na relação entre teologia e ciências da religião quanto na própria relação interna com as disciplinas auxiliares das ciências da religião. Não temos uma epistemologia que reúna tantas epistemologias num único ato: sociologia, antropologia, história, geografia, filosofia, linguística e a própria teologia. Talvez o caminho não seja pensar na unidade, mas de dentro da diversidade. Esta não é a oportunidade para traçarmos um debate, mas ele é inevitável e já dá sinais de consolidação.

## 2 Ciências da religião e teologia

Retornamos à autoridade do Prof. Antônio Gouvêa de Mendonça, apoiados na sua larga experiência no exercício intelectual das ciências da religião em consonância com a teologia:

Um dos primeiros passos nessa tarefa (*fazer Ciências da Religião*) é discutir a possibilidade de, primeiro, *desvincular* a teologia da dogmática e, segundo, de admitir que outras religiões, no caso não cristãs, também possuem teologias. (MENDONÇA, 2001, p. 105, grifo nosso).

O plural “teologias” será problematizado mais adiante. O que o professor propõe é uma separação entre as teologias (não cristãs) da teologia dogmática, que por suposto se trata da teologia cristã. Mais do que separação, o autor fala de desvinculação, como condição do exercício das ciências da religião. Outro experiente professor, Marcelo Camurça, integrante de um dos Programas pioneiros

em Pós-graduação em Ciências da Religião, destaca a autonomia das ciências da religião em relação à teologia:

A concepção de Ciência (s) da religião que se esboça [...] *área de conhecimento autônoma em relação à teologia* e constituída por um agregado de ciências (humanas) particulares, cada uma com seu método próprio, a tratar do tema comum religião. (CAMURÇA, 2003, p. 143, grifo nosso).

Na fase de consolidação das ciências da religião foi esclarecedor afirmar que elas não são teologia, pois havia uma aproximação espontânea que gerava ambiguidade quanto à identidade de ambas ciências. À guisa de ilustração do exposto, note-se o que diz o Programa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), *por ocasião dessa pesquisa*.

O Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião [...] trata do fenômeno religioso investigando-o sistematicamente em todas as suas manifestações sem que se questione sua *validade teológica*, ou seja, nesta área do conhecimento não se questiona a "verdade" ou a "qualidade" de uma religião, pois todas se apresentam igualmente. (PUC-SP, 2016, grifo nosso).<sup>11</sup>

Nesse caso, a autonomia das ciências da religião e seu método equânime estão garantidos pela distância da teologia, instância julgadora de verdade e qualidade de uma religião. Na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS) também se lê: “O termo “Religião” *não é dogmático ou doutrinal*; indica para o objeto de estudo qual seja o fenômeno religioso acessível à análise metodológico-científica” (PUC-GOIÁS, 2016, grifos nossos). A cargo de quem fica o aspecto dogmático ou doutrinal? Discretamente, há um distanciamento da teologia, tendo em vista ser ela a sustentação da doutrina e do dogma. Na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), até 11/11/2013, encontramos: “Atender a demanda de conhecimentos sobre o tema da religião, estimulando a reflexão sistemática e a produção de pesquisas numa perspectiva pluridisciplinar e *não confessional*” (UFJF, 2013, grifos nossos). A expressão “*não confessional*” indiretamente afasta a teologia, uma vez que esta é uma ciência confessional. Se o reforço na

<sup>11</sup> Esta é a única referência à teologia que aparece na *Home Page* do Programa.

diferenciação, conforme já foi assinalado, tinha um caráter didático e até necessário, em alguns casos foi ocasião de um estranhamento mais acirrado.

Nos Programas mais recentes, ou que reformularam suas páginas da internet, este elemento de diferenciação da teologia não aparece. Estamos em outro momento, no qual as reflexões internas aos Programas, a interação com outros Programas de Pós-graduação favorecida pela ANPTECRE e SOTER oportunizaram um amadurecimento nos debates, respeitando-se o ambiente cultural diverso, em que a teologia não é detentora de uma verdade superior, tampouco uma ameaça, mas uma parceira.

A perspectiva interdisciplinar aparece como um segundo termo na definição de ciências da religião. Contemplada para agregar as diversas ciências (humanas) que se dedicam ao estudo da religião, é explicitada na apresentação, nos objetivos, nas áreas, linhas e projetos de pesquisa dos Programas de Pós-graduação.<sup>12</sup> E nesta tarefa de congregar os conhecimentos crescentes sobre a(s) religião(ões) a teologia encontra guarida e, em alguns casos, lugar de destaque (UMESP, 2016). A interdisciplinaridade, como método de trabalho, não pode escamotear o desafio de pensar a epistemologia própria das ciências da religião, pela simples razão que não pode haver interdisciplinaridade sem disciplinaridade. Cada disciplina se caracteriza por um olhar próprio para o objeto de estudo, por se situar num lugar de conhecimento, que é inconfundível com outros lugares, nem mesmo com a soma de todos eles.

### **3 Teologia e ciências da religião**

A fé cristã, desde seu primeiro aparecimento público, sendo proclamada como uma nova vida, necessitava de se justificar e se defender diante dos tribunais de reis, impérios e estados, mas principalmente diante de outras formas de vida e

---

<sup>12</sup> Não nos detivemos nessa pesquisa em definir com precisão o que se entende por interdisciplinaridade. No entanto, assumimos como nossa a definição que se encontra no documento no qual se apresenta um histórico e uma situação atual da área interdisciplinar: “Entende-se por interdisciplinaridade a convergência de duas ou mais áreas do conhecimento, não pertencentes à mesma classe, que contribua para o avanço das fronteiras de ciência e da tecnologia, transfira métodos de uma área para outra, gerando novos conhecimentos ou disciplinas e faça surgir um novo profissional com um perfil distinto dos existentes, com formação básica sólida e integradora.” (MEC/CAPES, 2013).

de crença de pessoas comuns ou de argumentos racionais que se lhes opunham. Assim, a fé tinha de recorrer à razão formatando uma racionalidade própria. Na idade média a teologia consolidou a tarefa de inteligência da fé, através da articulação entre fé e razão, preparando para a modernidade, na qual a teologia se posicionou diante da ciência moderna.

Sem ignorar o que representaram para a teologia, a patrística e o medievo, foi necessário que “as ciências humanas tivessem um papel importante no surgimento da pluralidade de perspectivas no seio da inteligência da fé, ao oferecer-lhe instrumentais aptos para ajudá-la a melhor captar o que buscava compreender” (PERSPECTIVA TEOLÓGICA, 2007, p. 8), para assim estabelecer então um canal de diálogo com as ciências modernas. Paralelamente, foi necessário também que as ciências humanas revisassem seus pressupostos filosóficos, sedimentados na modernidade pós-cartesiana, fragmentadores do saber, avessos a qualquer tipo de transcendência, tornando vã qualquer tentativa de diálogo com o pensamento cristão, fundado na “transcendência absoluta de Deus e do evento Cristo” (BINGEMER, 2006, p. 138; PALÁCIO, 1995, p. 161). Estes movimentos repercutiram na ciência da fé sob a forma de dois riscos:

O risco de ser reduzida às Ciências da Religião; 2. O risco de confinar-se numa linguagem fundamentalista da fé. O primeiro risco assombra o trabalho acadêmico da teologia. O segundo risco se refere à comunidade de fé, ao grupo religioso ou igreja e à pertença e experiência de fé de quem trabalha com teologia. (SUSIN, 2009, p. 76).

Nesse caso, também a teologia necessitava de distância das ciências da religião, no intuito de marcar sua diferença específica: “enquanto a ciência da religião se põe no nível fenomênico, o cientista é um observador neutro, é impossível fazer teologia com distanciamento do assunto de que trata a teologia” (TABORDA, 2009, p. 906). Existe um engajamento à verdade do objeto. Não se trata de uma simples descrição, comparação, doutrinação, adequação à Escritura ou à tradição confessional (MÜLLER, 2007, p. 65). E o que parece ser uma fragilidade para a teologia é o que a ela tem de melhor a oferecer.

Todo teólogo cristão formado deveria poder dizer com que outra religião ele se ocupou de modo intensivo. No entanto, é preciso estar ciente de que a ciência da religião não capacita para o diálogo porque ela apresenta as religiões de maneira cientificamente objetiva, ela própria não é religiosa e não levanta a pergunta por Deus, não capacitando, para controvérsias na disputa das religiões. (MOLTMANN, 2004, p. 25).

O(A) teólogo(a), segundo Moltmann, deve trabalhar então com dois discursos: o primeiro é o “da inteligência da fé”, não acessível ao(a) cientista da religião, mesmo que este(a) tenha a sensibilidade para distinguir esse discurso de outros (PERSPECTIVA TEOLÓGICA, 2007, p. 7). No discurso teológico não há neutralidade, mas é o único que o “capacita para controvérsias na disputa das religiões”. O(a) teólogo(a) trabalha também com o discurso objetivo das ciências da religião. Sob esta linguagem ele se dedica a uma tradição religiosa que não é a própria. E o experiente teólogo acima citado afirma que isto é muito saudável para sua prática teológica, sobretudo porque ele pode também tratar de forma objetiva o discurso de sua própria tradição. Ainda mais neste nosso contexto pós-metafísico e plurirreligioso (SUSIN, 2009, p. 82), além da visão de conjunto sobre o fenômeno religioso, no qual a teologia está inserida (MÜLLER, 2007, p. 62). A “não neutralidade”, ou, se quisermos, a confissão de fé da teologia, pontua o seu lugar epistemológico. E este lugar não é uma prisão, mas um ponto específico de observação de toda a realidade.

Com este fundamento é que em 1966-67 a Igreja não só tentou reconhecimento civil da teologia como também a fundação de um curso de teologia na UFJF.<sup>13</sup> Os pareceristas foram contra, fundamentados na separação Igreja e Estado, receando que a confessionalidade se tornasse proselitismo. Por parte da igreja católica, apesar de haver setores propensos a esta presença pública, predominou o temor de que o estado pudesse ter ingerência nas “coisas da igreja”. (GUINDANI, 2011, p. 95).

Mais recentemente, a convivência próxima entre as ciências da religião e teologia no ambiente acadêmico, instigou esta última a uma tomada de posição

---

<sup>13</sup> Na UNB chegou a funcionar um curso de Teologia, mas por pouco tempo.



mais explícita quanto à sua característica pública. A teologia pública é uma abordagem em franca ascensão no Brasil: podemos cogitar que ela se situa na esteira da teologia da libertação. Encontramos na reflexão do teólogo David Tracy uma sistematização de destaque sobre o assunto. O teólogo propõe uma tripartição dos públicos da teologia em: sociedade, a academia e a igreja.<sup>14</sup> A cada público corresponde, respectivamente, um tipo de verificação de verdade: pela práxis através da teologia prática; pelo método através do diálogo com outras ciências; pela reinterpretação da tradição pela teologia sistemática. Isto significa que, com humildade e avançando sobre os possíveis focos de resistência, a teologia dista de ser a única verdade, mas torna público que o que ela diz é verdade (SUSIN, 1999, p. 97).

Outra dimensão da teologia que tem sido incrementada, no contato com as ciências da religião é a teologia das religiões. Esta abordagem da teologia capta, nas mais diversas experiências religiosas, traços que se articulem, ou até mesmo ampliem, a experiência e o conceito de Revelação. A intercessão com as ciências da religião é muito transparente: os objetos são coincidentes; existem temas comuns como a pluralidade religiosa e o conseqüente diálogo inter-religioso.<sup>15</sup> É nesse contexto que se deve discutir o plural “teologias”. Seria possível falar de teologia fora da tradição judaico-cristã ou islâmica? Entre tantas questões que se devem tomar em consideração destacam-se: é legítimo requerer de discursos religiosos não ocidentais uma configuração teológica? Pode ser que nem mesmo eles se reconheçam como tal. Isto não quer dizer que não haja pontos de convergência entre discursos religiosos e discurso teológico, por exemplo, no caso de filosofias orientais. Mas quando se fala de uma teologia asiática é a teologia cristã que, lendo aquela realidade, capta e explicita os sinais da Revelação ali presentes. Admitindo o plural “teologias”, será que todas elas se reconheceriam como articuladoras entre fé e razão? Como inteligência da fé? Como distinguir as teologias entre si? Sem responder a essas questões e simplesmente considerar como teologia qualquer

---

<sup>14</sup> Ver Tracy (2006). A reflexão que o teólogo propõe é extensa o suficiente para impedir que se registre ao menos um resumo sem deformá-la. Outros títulos sobre teologia pública: Passos (2011), Passos; Soares (2001) e Jacobsen; Sinner; Zwetsch (2012a; 2012b).

<sup>15</sup> A propósito, ver: Dupuis (1989; 1999), Ribeiro (2012), Teixeira (2012), Knitter (2008), Queiruga (1997) e Comissão Teológica Internacional (1997).

forma de discurso religioso, pode-se ferir a ambos. Não se deve buscar, nessas questões, qualquer justificativa para hierarquizar teologia cristã e outros discursos religiosos, alimentadores e legitimadores da experiência do sagrado nas mais diversas religiões.

A teologia é uma ciência interdisciplinar por natureza. Seu objeto material é Deus, mas o objeto formal pode ser qualquer situação humana na qual se dá a livre fala de Deus para homens e mulheres de todos os tempos. Portanto, não há qualquer situação em que o ser humano esteja implicado que esteja excluída do horizonte da teologia. Pelo contrário, a teologia se expande em uma série de abordagens nas quais busca responder, a partir da inteligência da fé, os apelos da realidade, inclusive a religiosa.

Mesmo encontrando poucas referências às ciências da religião nos Programas de Pós-graduação em teologia<sup>16</sup>, há, por outro lado, uma presença implícita, muito fácil de ser delineada, através do enunciado dos objetivos; áreas, linhas e projetos de pesquisa nos quais a interdisciplinaridade emerge como orientação primeira, o que inclui necessariamente e oportunamente as ciências da religião.<sup>17</sup>

#### **4 Ciências da religião e teologia no sistema CAPES**

A entrada no sistema CAPES está relacionada ao reconhecimento civil e à sobrevivência acadêmica de qualquer graduação e principalmente pós graduação. A qualidade das produções de artigos, livros e congressos; a titulação e formação do corpo docente; os intercâmbios intelectuais; a organização administrativa, A qualificação e democratização do saber; o triplo investimento em ensino, pesquisa e extensão são alguns dos critérios de avaliação. Os cursos bem avaliados são contemplados com recursos financeiros que, por sua vez, possibilitam mais investimentos e qualificação dos Programas.

---

<sup>16</sup> Neste aspecto deve-se fazer justiça ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia, onde as referências explícitas às Ciências da Religião são fartas.

<sup>17</sup> Estas informações pedem uma visita às páginas dos Programas que, se registradas neste trabalho extrapolaria os seus limites. Nas referências finais deixamos indicações precisas das páginas dos Programas na internet.

No que se refere ao reconhecimento civil da teologia, é indispensável reconhecer, mais uma vez, o protagonismo da SOTER e, de modo mais incisivo, o da ANPTECRE, uma vez que esta última se viu frente a frente com questões teóricas, as quais não constavam no topo da lista de ocupações da SOTER.

É perceptível no discurso dos coordenadores que a união com as Ciências da Religião dentro da Associação tem duas funções: uma função política e outra de vigilância epistemológica mútua [...] A ANPTECRE exerce esse papel de apoio aos PPGTs e também serve como mediadora na relação dos Programas com o próprio estado. [...] A associação entre Teologia e Ciências da Religião, além do ganho na representatividade institucional na Capes e apoio financeiro, trouxe a preocupação pela definição dos campos epistemológicos. Questão que resultou, inclusive, no tema do último Congresso realizado em 2011, intitulado “Teologia e ciências da Religião: Interfaces”. Entendemos que a Teologia estava numa situação de isolamento dentro da Igreja, e muitos entrevistados mencionaram essa vantagem dada pela Capes para a Teologia sair de casa. A ANPTECRE representa esse enfrentamento coletivo de desafios comuns que unem também protestantes e católicos. (GUINDANI, 2011, p. 136).

O itinerário tem um sentido político e epistemológico. Politicamente o resultado mais recente dos esforços apareceu em outubro de 2016, com a criação da área denominada teologia<sup>18</sup>. Este resultado foi aprimorado, quando em abril de 2017 a área se intitulou “ciências da religião e teologia”,<sup>19</sup> passando a ser um marco histórico na relação entre os respectivos Programas de Pós-graduação no Brasil. Para aqueles(as) espíritos recalcitrantes, o documento de criação da nova área apresenta duas orientações de relevo. A primeira refere-se às iniciativas particulares:

A área pode [...] acolher propostas de cursos com delimitações ainda mais precisas no campo dos Estudos da Religião, segundo recortes teórico-metodológicos específicos, consideradas as subáreas da árvore do conhecimento”. (MEC/CAPES, 2016, p. 2).

<sup>18</sup>“A área Teologia surge com a Portaria CAPES 174/2016, publicada no DOU de 13 de outubro de 2016, a partir do desmembramento entre as subcomissões da área de Filosofia/Teologia. No entanto, seu primeiro Programa teve origem em 1972, perfazendo 44 anos de existência.” (MEC/CAPES, 2016).

<sup>19</sup> O registro da mudança apareceu no Boletim de serviço da CAPES, número 1, de abril de 2017, onde se lê na “a resolução número 1” de 04 de abril de 2017, do Conselho Superior da Capes, a “redesignação da área teologia para “teologia e ciências da religião”, assinada pelo Sr. Abílio A. Baeta Neves, então presidente do conselho superior da CAPES. É importante ressaltar que “no bojo do conjunto dos cursos, cujos dados foram enviados para a Capes, a PUC-Rio incluiu o Programa de Pós-graduação em Teologia. Em 1977 e 1978, o Programa recebe a qualificação “SC” (sem conceito). Em 1979, o Programa da PUC-Rio recebeu o conceito A, o maior da época. [...] o que mostra, já na época, um reconhecimento da maturidade alcançada por essa área no Brasil [...]” (ANDRADE, 2011, p.27).

A segunda orientação pode ser percebida na determinação das subáreas. Elas possibilitam o trânsito livre de teólogos(as) e cientistas das religiões, ao mesmo tempo em que oferecem condições para que cada um se situe de acordo com o aprofundamento em suas pesquisas. É possível, e talvez desejável, que essas subáreas inspirem uma reorganização dos Programas no tocante às suas áreas de concentração, linhas de pesquisa, projeto e grupos de estudo. Da mesma forma seria oportuno, para a consolidação da nova área, cogitar em co-orientações de teses e dissertações, fortalecendo o perfil interdisciplinar requerido pelos Programas. Seguem as áreas tal como descreve o documento: ciência da religião aplicada, ciências da linguagem religiosa, ciências empíricas da religião, epistemologia das ciências da religião, história das teologias e religiões, teologia fundamental-sistemática, teologia prática, tradições e escrituras sagradas (MEC/CAPES, 2016, p. 2). As três últimas subáreas englobam todo o espectro da pesquisa teológica, enquanto as anteriores são mais afinadas com as ciências da religião.

Quanto ao desafio epistemológico já referido, numa possível revisão do texto do documento, poder-se-á dedicar atenção mais acurada sobre o aspecto epistemológico: primeiro, quando o recente documento de área avalia a presença maior ou menor da interdisciplinaridade em função da6 diversificação na titulação máxima dos docentes nos Programas (MEC/CAPES, 2016, p. 8). Ora, num Programa em teologia, é natural que os títulos sejam propensos para a mesma teologia. Isto não compromete a interdisciplinaridade. Pensemos na vida e obra de Leonardo Boff. Ele se reconhece teólogo, mas é um pesquisador em diálogo com as mais diversas áreas de conhecimento. Apesar da total honestidade intelectual dos(as) avaliadores, pode-se gerar certo desconforto quando os números não distinguem situações específicas. O segundo ponto merecedor de atenção no texto do documento de área é a expressão “ciência(as) da(s) religião (ões)”, evitando um ponto de estrangulamento epistemológico que a diversidade de nomenclaturas denuncia (BRANDT, 2006, 143). Cada Programa tem história e convicções diferentes, as nomenclaturas refletem um tipo de dissenso que está diretamente

ligado ao entendimento do ser e do fazer das ciências da religião, desdobrando em relações distintas entre a teologia e as ciências da religião. Neste sentido, aguardamos instigantes contribuições da subárea “epistemologia das ciências da religião”.

Com a consolidação da nova área, pode se contemplar não apenas novas interações, mas novas e válidas iniciativas para os dois saberes separadamente. Tudo bem aquilatado, é possível que seja a hora da teologia ousar uma presença em universidades públicas, uma vez que seu reconhecimento civil é público. E isto pode começar pela oferta de uma disciplina optativa junto a graduações e pós em alguma das ciências humanas. É um projeto que já foi polêmico no passado e não deixará de sê-lo hoje, mesmo em condições bem mais favoráveis. Se a teologia se submete aos mesmos critérios de avaliação de qualquer curso ou IES, por que restringir sua presença às instituições confessionais? Afinal, as ciências da religião têm sido marcadas por sucesso crescente em instituições públicas, da mesma forma que a teologia pode também se preparar para se colocar nesse lugar.

## **Conclusão**

O que segue destes breves acenos confirma o empenho de cientistas da religião e teólogos (as) de construir um patrimônio intelectual comum. Patrimônio intelectual que já vai se tornando patrimônio cultural, para criar uma cultura do diálogo, ciente das conquistas e aberta aos desafios do porvir.

Dos primeiros estudos de religião até seu amadurecimento em ciências da religião autônomas a pesquisa solicitou as mais variadas ciências, em função da insuficiência de uma abordagem única. E nesta solicitação a mais antiga entre as ciências, a teologia, esteve sempre presente, com frequência exercendo o papel de ponto de contradição, ao passo que foi sendo melhor compreendida e avançando na sua auto compreensão enquanto inteligência da fé.

No Brasil, as atuações da SOTER, da ANPTECRE e dos Programas de Pós-graduação em ciências da religião e teologia se impuseram, enfrentando as vagas

da secularização, acompanhando criticamente aquilo que se costumou chamar de retorno da experiência do sagrado, advogando em favor dessa última o lugar de experiência fundante do ser humano. Entre debates de cunho epistemológico e medidas de cunho e político, os Programas de Pós-graduação mobilizaram forças, reconfiguraram sua organização interna e conquistaram sua cidadania acadêmica.

A teologia sempre foi pública, seu discurso confessional sempre procurou repercutir na vida da sociedade, e não apenas entre cristãos. Ao lado das ciências da religião essa abordagem tem crescido como teologia pública, empenhada em consolidar seu lugar no universo social e acadêmico; bem como com a teologia das religiões, afinando-se às problemáticas típicas das ciências das religiões, tais como o diálogo construtivo com outras religiões, a diversidade religiosa, expressões seculares de religiosidade, etc. Na medida em que outras problemáticas vão se inserindo no escopo das ciências da religião, não faltam abordagens teológicas que se apresentem com sua contribuição, como a eco teologia, a teologia de gênero, a teologia da libertação e outras.

Agora, a área autônoma “ciências da religião e teologia” traz o alento que há muito se almejava. Representa uma grande conquista, mas os desafios não cessam e podem ser identificados dentro do documento da CAPES. É o caso do desafio epistemológico. É sugestivo pensar que, uma vez que a área foi consolidada com uma nomenclatura específica, a saber, “ciências da religião e teologia”, não seria ocasião para que os Programas de Ciências da Religião, depois dos debates e consensos internos e externos, procurassem fechar com a nomenclatura da área, isto é, como “ciências da religião”?

O momento parece propício para um alargamento de fronteiras. Sair dos abrigos confessionais e dividir terrenos públicos. Com certeza poder-se-á encontrar aí o “tabu” cientificista antiteológico ou antirreligioso, sob umas pretensas razões fundadas na laicidade do Estado. Em vista das recentes conquistas, tanto a teologia como as ciências da religião estão arregimentadas para enfrentar este e outros tipos de oposição. Este caminho indica, de forma singular para a teologia, a ampliação

dos limites de sua publicidade e academicidade, tornando mais pleno o serviço que ela pode prestar nos três âmbitos indicados por David Tracy: academia, sociedade e igreja.

Sem descurar da interdisciplinaridade, cada ciência continua com sua especificidade epistemológica única, a interdisciplinaridade não suprime a disciplinaridade. Esta clareza epistemológica, longe de ser um instrumento de distanciamento, tal como no início da consolidação das ciências da religião no Brasil, pode ser o elemento chave de aproximação e contribuições inéditas. É neste ponto que as ciências da religião e teologia necessitam aprofundar o debate sobre a transdisciplinaridade, ainda incipiente nas referências da nova área. Essa reflexão pode ser um antídoto contra um possível academicismo, visando a conhecimentos que não estão formalizados em disciplinas. Para o estudo das religiões esse aspecto pode ser fundamental.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo. F. C. O reconhecimento da teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Org.). **Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2011. v. 1. p. 21-36.

ARAÚJO, Melvina Afra Mendes de. Antropologia na missão: relações entre a etnologia confessional de padre Schmidt e a antropologia acadêmica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.33, n.1, p. 30-49, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872013000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872013000100003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 29 maio 2015.

BASTIDE, Roger. **Religion and the Church in Brazil**. In: SMITH, Lynn (Ed.). *Brazil portrait of half a continent*. Nova York: Dryden, 1951. p. 334-355.

BELLO, Angela Ales. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru: Edusc, 1988.

BINGEMER, Maria Clara L. A teologia e a universidade. Desafios e perspectivas. In: FREITAS, Carmelita de Freitas (Org.). **Teologia e Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 127-150.

BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural. A percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v 46, n. 1, p. 122-151, 2006.

CAMURÇA, Marcelo. Entre as ciências humanas e teologia. Gênese e contexto do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião de Juiz de Fora em cotejo com seu congêneres no Brasil. In: GUERRIERO, Silas. **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 139-155.

COMISSAO TEOLOGICA INTERNACIONAL. **O cristianismo e as religiões**. São Paulo: Loyola, 1997.

DARON, Raymond. **Etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DIEZ DE VELASCO, Francisco. **Introducción a la historia de las religiones**. 3. ed. Madrid: Trotta, 2002.

DUPUIS, Jacques. **Jesus-Christ à la rencontre des religions**. Paris: Desclée, 1989.

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao\\_FreireGB.1pdf.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao_FreireGB.1pdf.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2015.

FREIRE, Gerson Bento. **Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER): constituição, percurso e abordagens**. Belo Horizonte, 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

GRESCHAT, Has-Jurgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2006.

GUIMARÃES, André Eduardo. **O sagrado e a história**. Fenômeno religioso e valorização da história, à luz do anti-historicismo e Mircea Eliade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=oshp-Ia7E74C&pg=PA73&lpg=PA73&dq=hissoricismo+e+religi%C3%A3o&source=bl&ots=xra7kDZ3r8&sig=htY4TuQN7lLb-cxGAP8KS2OzLT4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CCQQ6AEwAWoVChMI3L7umIKxyAIVQaoeChorHwGe#v=onepage&q=hissoricismo%20e%20religi%C3%A3o&f=false>>. Acesso em: 07 out. 2015.

GUINDANI, Evandro Ricardo. **O processo de produção do conhecimento nos PPGS de teologia: da institucionalização à inserção no sistema CAPES**. Florianópolis, 2011, 270 f. Tese (Doutorado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/74645/browse?value=Guindani%2C+Evandro+Ricardo&type=author>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010.



JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf Von; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Teologia pública: desafios éticos e teológicos**. São Leopoldo: Sinodal, 2012a. v. 3.

JACOBSEN, Eneida; SINNER, Rudolf Von; ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Teologia pública: desafios sociais e culturais**. São Leopoldo: Sinodal, 2012b. v. 2.

KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2008.

MARTELLI, Stefano. A religião do ponto de vista do mundo vital. Parte 1. **Ciberteologia - Revista de teologia & Cultura**, São Paulo, n. 7, ano 2, p. 1-20, 2006. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/aexperienciareligiosai.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

MARTIN VELASCO, Juan. **Introducción a la fenomenología de la religión**. Madrid: Trotta, 2006.

MASSINI, Marina; MAHFOUD, Miguel. (Org.). **Diante do mistério**. Psicologia e senso religioso. São Paulo: Loyola, 1999.

MEC/CAPES. **Documento da área teologia 2016**. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos\\_de\\_area\\_2017/44\\_TEOL\\_docarea\\_2016.pdf](http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/44_TEOL_docarea_2016.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2018.

MEC/CAPES. **Documento da área interdisciplinar 2013**. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Interdisciplinar\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_block.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Interdisciplinar_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2018.

MENDONÇA, Antônio G. de. De novo o sagrado selvagem: variações. **Estudos de Religião**, São Paulo, ano 21, n. 32, p. 22-33, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/.../213>>. Acesso em: 26 jun. 15.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A cientificidade das ciências da religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **A(s) ciência (s) da religião no Brasil**. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 103-150.

MENDONÇA, Maria Luiza Vianna Pessoa de. **A concepção eliadiana da fenomenologia da religião sob a perspectiva do método**. Belo Horizonte, 2012, 186 f. FAJE. Dissertação (Mestrado em teologia) – Faculdade de filosofia e teologia da Companhia de Jesus. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/premiocapesdetese>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**. Caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004. (Coleção Theologia Publica).

MÜELLER, Enio. A teologia e seu estatuto teórico: contribuições para uma discussão atual na universidade brasileira. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 88-103, 2007. Disponível em: <[www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4702./ET2007-2f\\_emueller.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4702./ET2007-2f_emueller.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2013.

MÜLLER, F. Max. **Introduction to the science of religion**. Oxford: Pickard Hall and J.H. Stacy, 1882. Disponível em: <<https://archive.org/details/introductiontotho14888mbp>>. Acesso em: 05 out. 2015.

MUSÉE ETHNOLOGIQUE DU VATICAN. Página de apresentação e histórico da coleção de peças do museu etnológico do Vaticano. Vaticano: Museus do Papa. Disponível em: <<http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/es/collezioni/musei/museo-etnologico/museo-etnologico.html>>. Acesso em: 11 maio 2018.

OTTO, R. **O sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PALÁCIO, Carlos. Que lugar e função da teologia hoje? **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 72, p. 155-167, 1995. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1162/1571>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

PASSOS, João Décio Passos; SOARES, Afonso Maria L. (Org.). **Teologia Pública**. Reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

PASSOS, João Décio. A construção do conhecimento legítimo. Percursos e reconhecimento da teologia pública no Brasil. **Estudos de Religião**, São Paulo, n. 41, v. 25, p. 57-76, jul./dez, 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2485/2777>>. Acesso em: 15 de set. 2014.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

PERSPECTIVA TEOLÓGICA. Teologia e Ciências da Religião. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, v. 39, n. 108, p. 159-164, 2007. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/issue/view/115>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

PUC-GOÍÁS. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. **Apresentação do Programa**. Disponível em: <[http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/home/secao.asp?id\\_secao=106&id\\_unidade=7](http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/home/secao.asp?id_secao=106&id_unidade=7)>. Acesso em: 24 jul. 2016.

PUC-SP. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. **Apresentação do Programa**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencias-da-religiao>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

PYE, Michael. Estudos da Religião na Europa: Estruturas e Projetos. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 1-31, 2001. Disponível em: <<http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/841/726>>. Acesso em: 22 maio 2015.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 22, n. 8, p. 28-42, 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S0103-40141994000300023&lng=en&nrm=iso&tlng=PT](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0103-40141994000300023&lng=en&nrm=iso&tlng=PT)>. Acesso em: 26 jun. 2015.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **O diálogo das religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.

QUINTELA, Marcelo e GARCIA, V. **George Dumézil (1898-1986)**. Madrid, Ediciones del Orto, 1999. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:SQNQ79u2EakJ:webspersoais.usc.es/export/sites/default/persoais/marco.garcia.quintela/\\_configuration/pdfs/1999\\_Dumezil\\_Quintela.PDF+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:SQNQ79u2EakJ:webspersoais.usc.es/export/sites/default/persoais/marco.garcia.quintela/_configuration/pdfs/1999_Dumezil_Quintela.PDF+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 04 out. 2014.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (Org.). **A teologia das religiões em foco: um guia para visionários**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCHAEFFLER, Richard. **Filosofia da Religião**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1983.

SILVA, Eliane Moura Da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 225-234, jul./dez, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872013000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872013000100003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 28 jun. 2015.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Mysterium Criationis**. Um olhar interdisciplinar sobre o universo. São Paulo: SOTER / Paulinas, 1999.

SUSIN, Luiz Carlos. Teologia na teia do conhecimento. Problemas de epistemologia e metodologia. In: TEPEDINO, A. M.; ROCHA, A. (Org.). **A teia do conhecimento**. Fé, ciência, transdisciplinaridade. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 75-96.

TABORDA, Francisco. A missão do teólogo, comunicar sabedoria: uma lição com Tomás de Aquino. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 67, n. 267, p. 885-913, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia e pluralismo religioso**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TRACY, David. **A imaginação analógica: a teologia crista e a cultura do pluralismo**. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

UFJF. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Apresentação do Programa**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppcir/>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

UMESP. Universidade Metodista do Estado de São Paulo. **Apresenta área de pesquisa Religião, Sociedade e Cultura**. Disponível em: <<http://www.metodista.br/posreligiao/posreligiao/estrutura-do-programa/religiao-sociedade-e-cultura>>. Acesso em: 24 jul. 2016.